

ESTRADA (14)SERIA UM FACTO? (01)

Fatos acontecem na vida de cada um. Coisas as vezes insignificantes, que no momento podem passar despercebidas, porem anos mais tarde descobrimos que dixaram marcas, senão fisicamente, mas em nossa memoria. Quando então paramos para uma analize do nosso passado, percebemos que a lembrança destas pequenas coisas, nos acompanharam como parte de nós mesmos.

Terminamos a pagina anterior falando: da estrada da escola; Lembrei-me então de dois episodios que marcaram este meu tempo de Escola, e envolveram neles a Estrada, esta estrada da historia, já então muito familiar para mim.

Em paginas passadas mencionamos o Brasil sendo governado pelo regime ditatorial no inicio dos anos 40. Quando nasci em 1.934, a historia do Brasil, incluia fatos recentes como a Revolução Constitucional de 32, quando tomou o poder pela força, o gaúcho Getulio Vargas, constituindo-se chefe supremo da nação brasileira, e implantando a Ditadura, ficando no poder por volta de 15 anos.

Como em todos os regimes ditatorias da historia do mundo, todos os órgãos publicos ficam sobre severo controle; e assim sendo as Escolas não podem fugir a regra.

Lembro-me que a professora da nossa Escola, alem de levar a sério o ensino, não deixava em planos inferiores as lições de patriotismo. Ao entrar-mos na pequena Escola, em cuja frente, tremulava ao vento a bandeira brasileira, nos postava-mos em duas filas e entoavamos com a mão sobre o peito, o HINO NACIONAL. Durante a aula, a mestra dava-nos exemplos de que eramos filhos de um pais singular, cuja grandza e beleza não se comparava a outros paises. Os livros, diferentes dos livros escolares de hoje, punham em destaque o <sup>hercunismo</sup> dos que haviam bravamente feito a historia do Brasil até então.

Certo ou errado, des-de que aprendi a ler, sempre fui obsecado pela leitura, e assim aos poucos este amor pela Patria, começou a criar raizes dentro de mim, e embora fosse filho de imigrantes italianos, e participante de uma família onde predominava os costumes da outra terra, aprendi amar o Brasil, e sentir-me orgulhoso de ser brasileiro.

Nestes meus tempos de escola, papai era assinante do jornal, "Diario de São Paulo, por sinal um dos mais coceituados daquela epoca,

Um dia; não me lembro a data, ao pegar o jornal no Armazem, levado pela curiosidade de sempre, li o cabeçalho no qual estava escrito : TOMBA O PRIMEIRO PRACINHA BRASILEIRO NOS CAMPOS DE BATALHA DA ITALIA.- Não podia ser! O coração batia forte em meu peito; Quando sai do Armazem, os colegas já não me esperavam. Sai correndo, sosinho, magoado. Parei a sombra de uma arvore, (conhecida por frango pelado) que sempre existiu a beira da estrada em uma curva a pouco mais de um quilometro do Bairro. Ali a beirinha da estrada, li novamente o cabeçalho, e logo abaixo a indicação: ver na pagina .....

Abri depressa o jornal e na pagina indicada, estava a foto do pracinha, e abaixo onome, que consegui guardar até os dias de hoje: ANTE-NOR GUIRLAND,- Pelo que me lembro devia ser paulista, de Sorocaba ou Piracicaba. - Ao lado outra foto: Uma mulher de certa idade, com trajés típicos da roça, ao lado de uma cama, e com um travesseiro nas mãos. / Escrito abaixo da foto: Dna.....?, empunha nervosamente o travesseiro onde o filho jamais repousará a cabeça. Quando acabei de ler, sem que percebesse, as minhas lagrimas corriam pelo meu rosto, caindo sobre a terra dura da estrada, que passiva assistia meu desencanto.

Pode-se pensar o comportamento de alguém propenso ao fanatismo; porem estava ali uma criança em cujo coração fora plantada a semente do amor pela patria. Hoje depois de passarem 56 anos, e de tantos fatos acontecidos na historia do Brasil, e também em minha vida, posso dizer o seguinte: .:. Enquanto escrevo, o calendario marca a seguinte data: 22 de Abril de 2.000. (500 Anos do Descobrimento do Brasil,) posso afirmar: Parabens minha patria, Eu te amo!

Outro acontecimento de meu tempo de escola que tem muito a ver com a estrada, é o que contarei a seguir:

Terminara o ano de 1.944. Terminei com ele o meu terceiro ano de escola, já que era este o grau de ensino, que se lecionava nas escolas rurais como a do Bairro do Quadro.

Fui feliz no exame e passei de ano, mas como nem que quisesse continuar não havia opção, o que restava para mim, era enfrentar o trabalho duro na lavoura.

Talvés pelo motivo de sêr eu o caçula, e por não gozar de ótima saúde no momento, quando iniciou-se o ano letivo de 1.945, papai e mamãe foram falar com a professora, e conseguiram não sei de que modo me matricular novamente para o terceiro ano.

Ao iniciarem-se as aulas, voltei de novo para a escolinha, <sup>2</sup>Senti a falta dos coleguinhos que já não voltaram. Em seu lugar estavam outros desconhecidos que passaram a fazer parte da classe. Mas nesta ida de exite a facilidade de adaptação, e em pouco tempo este já faziam parte da vida escolar, e tudo voltou ao normal para mim.

O maior problema em minha volta as aulas, era que em nosso sitio/vivia a varios anos uma familia de colonos, e trez de seus filhos foram companheiros de estrada, neste trez anos de escola. No final de 1.944, mudaram-se para outro lugar, por este motivo eu teria que enfrentar sosinho a estrada neste novo ano escolar.

Sentia medo. Pois teria que passar por um trecho de mata que ficava a beira da estrada. Andarilhos, pessoas maltrapilhas andando a esmo encontrava-se com frequencia. La no fundo ainda perdurava o medo dos ciganos. Somente depois de mais ou menos dois quilometros, podewi a me juntar a outros alunos que tambem tomavam a estrada rumo a escola.

Orlando, um menino sadio, corpulento, cuja familia era muito conhecida, devido a distancia em que morava, ia a escola a cavalo.

Cavalos bonitos, bem tratados. O menino de bom coração, apesar do tamanho, quando me alcançava pela estrada, principalmente no trecho da mata, ao me ver sosinho, fazia-me companhia obrigando o cavalo a andar passo a passo.

Assim foram varias semanas, até que um dia, talvez cansado da vagareza dele que era cavaleiro eximio, e gostava de galopar pela estrada, convidou-me para que montasse á garrupa de seu cavalo. Aceitei e me senti feliz. Forem com meus dez anos de idade, papai nunca havia permitido que eu montasse, embora tivesse varios animais de sela no sitio. Portanto estava ai um perfeito calouro na arte de montar.

Assim passaram-se semanas, ou mesmo meses. <sup>1</sup>For medo de meu pai / nunca contei isso em casa, embora montasse em pelo, era evidente que as calças sujas de pelo do cavalo, já havia levantado suspeitas.

Para encurtar |Um dia na volta da escola, por volta do meio dia, o cavalo assustado por um cachorro que apareceu de repente do meio do cafezal, disparou. ~~Desse~~ momento em diante, o que aconteceu neste episodio apagou-se de minha memoria, e só vim saber depois pelos outros alunos que vinham a pé.

<sup>2</sup>Contavam então, que indo o cavalo em disparada, o chapéu saiu-me da cabeça, e querendo apanha-lo, as minhas mãos se desprenderam da trazeira da sela, e cai batendo no chão duro com violencia.

Orlando não conseguira parar o cavalo. E ali no chão duro da estrada, estava o meu corpo inerte, entre o desespero dos colegas, que já não tinham dúvidas de que eu estivesse morto.

A família fora avisada por um dos alunos ( Antonio Franzini Sobrinho) e quando meus irmãos chegaram para me socorrer, um filete de sangue afluía de minha boca, coagulando-se sobre o chão duro da estrada, e por sinal, na mesma curva, em frente a mesma árvore, onde meses atrás eu havia chorado a morte do pracinha brasileiro.

FOTO: Um trecho da estrada, vendo-se no fundo o Bairro do Quadro. Poucos metros acima do início da foto, fica a curva, onde se deram os episódios narrados. Isso, a 55 anos, quando não se sonhava com o asfalto.



Voltei a dar sinal de vida somente depois de oito horas, na Santa Casa de Itapolis, mas felizmente, apesar de tudo, creio não terem ficados sequelas em meu ser. Deixo apenas anotado o meu agradecimento a toda minha família, pelas orações, e as minhas irmãs que vi levando decalças, o andor do Padroeiro, na festa daquele ano. Promessa Cumprida.

Papai tirou-me então, da escola, e após meu completo retabecimento, fui matriculado no pesado serviço da roça.

SERIA UM PACTO ?. Pode-se pensar. A estrada que exigira um pouco de minhas lágrimas, e um pouco de meu sangue, me dá em troca a PERMISSÃO de passar por ela, quem sabe quantas vezes, durante estes 55 anos que se passaram depois destes acontecimentos, a pé, a cavalo, de trator de caminhão, de carro, enfim, uma vida toda. Nela passei com meus pais, com meus irmãos, com meus amigos de juventude, com minha esposa, com meus filhos, e tive a graça de ver meus netinhos, irem a escola / passando por ela. OBRIGADO MINHA ESTRADA= OBRIGADO MEU DEUS!